



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

CELESTE PEREIRA DA SILVA MENESES

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA COM "AMANHECER ESMERALDA", DE FERRÉZ, NO
SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**MAMANGUAPE - PB
2025**

CELESTE PEREIRA DA SILVA MENESES

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA COM "AMANHECER ESMERALDA", DE FERRÉZ, NO
SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Moama Lacerda Marques

**MAMANGUAPE - PB
2025**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M5431 Meneses, Celeste Pereira da Silva.

Literatura afro-brasileira na sala de aula : uma proposta com "amanhecer esmeralda", de Ferréz, no sétimo ano do ensino fundamental / Celeste Pereira da Silva Meneses. - Mamanguape, 2025.

52 f. : il.

Orientação: Moama Lacerda Marques.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

1. Letramento literário. 2. Letramento racial. 3. Amanhecer esmeralda. 4. Literatura. I. Marques, Moama Lacerda. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 82:373.3

**LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA: UMA
PROPOSTA COM "AMANHECER ESMERALDA", DE FERRÉZ, NO
SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título
de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Moama Lacerda Marques

BANCA EXAMINADORA

Moama Lorena de Lacerda Marques

Profa. Dr^a Moama Lorena de Lacerda Marques
(UFPB)
(ORIENTADORA)

*Francisca Altamara
da Silva*

Profa. Ma. Francisca Altamara da Silva
(ECI José Soares de Carvalho)
(EXAMINADORA EXTERNA)

Lidyane Cristina Galdino Leal

Profa. Ma. Lidyane Cristina Galdino Leal
(Escola Municipal João Pinto da Silva)
(EXAMINADORA EXTERNA)

Para Antonio Eduardo Alves de Meneses
Junior, meu esposo.
Para Salém, meu gatinho de estimação

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, José Djalma e Maria Gorete, que são os meus pilares e minha maior motivação. Foram eles que sempre me mostraram que a determinação é o principal alicerce para conquistar grandes sonhos. Sou profundamente grata por todo o apoio que me deram ao longo desses anos de graduação e por sempre acreditarem que eu seria capaz.

Ao meu querido irmão, Djalma, expresse minha gratidão por nunca soltar a minha mão nos momentos em que pensei em desistir. Seu apoio constante foi essencial para que eu pudesse seguir em frente.

Aos meus avós Sebastião e Maria, que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando, transmitindo valores e oferecendo seu amor incondicional. E aos meus avós Adalto e Maria Geni, que já não estão mais entre nós, mas que, de onde estiverem, continuam a interceder por mim, minha eterna lembrança e carinho.

Ao meu esposo, Eduardo Júnior, minha gratidão mais profunda. Desde o início dessa caminhada, você esteve comigo, me apoiando, acreditando no meu potencial, fazendo sacrifícios para me ajudar e, principalmente, me fazendo acreditar que sou capaz de alcançar todos os meus objetivos e sonhos. Obrigada por tudo e por tanto.

Às minhas amigas Mylena e Janelly, que compartilharam comigo essa jornada, dividindo sonhos, alegrias, desafios e lembranças que jamais serão esquecidas. Vocês tornaram essa trajetória um verdadeiro tesouro. Também agradeço às minhas queridas amigas Ingrid, Júlia, Juliana Iasmim e Gilmara, por cada palavra de incentivo e por acreditarem nesse sonho, do qual vocês também fazem parte.

Aos meus amigos Miguel e Mateus, sou grata pela amizade e por todos os momentos de partilha acadêmica que vivemos juntos. Cada instante ao lado de vocês foi importante para tornar essa caminhada mais leve e significativa.

Por fim, à minha querida orientadora, professora Moama Marques, deixo meus sinceros agradecimentos por sua confiança, dedicação, zelo e, principalmente, pela paciência comigo... rrsrrs! Sua orientação foi fundamental para minha evolução durante esse percurso e sua postura profissional e humana foi uma verdadeira inspiração para que eu concluísse essa etapa com satisfação e orgulho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal proporcionar um debate acerca do ensino de literatura afro-brasileira na educação básica a partir do letramento literário em diálogo com o letramento racial. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira, como instrumento do letramento literário, é aqui apresentada como uma ferramenta pedagógica importante para a construção da criticidade e da identidade étnico-racial dos alunos, tendo em vista o combate ao racismo estrutural, bem como atendendo às exigências da lei 10.639/03. Desse modo, nos propusemos a elaborar uma proposta de mediação do conto “Amanhecer Esmeralda”, do escritor Ferréz, voltada para alunos do sétimo ano do ensino fundamental. Por meio dela, pretendemos incentivar nos educandos a leitura crítica da obra de um autor bastante representativo da literatura em questão, para que se estimule um tipo de letramento racial que reconheça a diversidade cultural e étnico-racial brasileira, além de fomentar uma prática pedagógica antirracista e inclusiva no espaço escolar. No que se refere à metodologia, nos orientaremos pela sequência básica proposta por Rildo Cosson (2014). Além deste, em termos de fundamentação teórica, nos pautaremos em autores como Antonio Candido (2004), Daniela Segabinazi (2015), Maria do Rosário Mortati (2014), Nilma Lino Gomes (2003; 2012), Tzvetan Todorov (2009), entre outros.

Palavras-chave: Letramento Literário; Letramento Racial; Amanhacer Esmeralda; Literatura.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to promote a debate about the teaching of Afro-Brazilian literature in basic education, based on literary literacy in dialogue with racial literacy. In this sense, Afro-Brazilian literature, as an instrument of literary literacy, is presented here as an important pedagogical tool for the construction of critical thinking and ethnic-racial identity in students, with a view to combating structural racism, as well as meeting the requirements of law 10.639/03. Thus, we proposed to develop a proposal for mediating the short story “Amanhecer Esmeralda” by the writer Ferréz, aimed at seventh-grade elementary school students. Through this proposal, we intend to encourage students to critically read the work of an author who is highly representative of the literature in question, in order to stimulate a type of racial literacy that recognizes Brazilian cultural and racial diversity, in addition to fostering an anti-racist and inclusive pedagogical practice in the school environment. Regarding the methodology, we will be guided by the basic sequence proposed by Rildo Cosson (2014). In addition, in terms of theoretical foundation, we will be guided by authors such as Antonio Candido (2004), Daniela Segabinazi (2015), Maria do Rosário Mortati (2014), Nilma Lino Gomes (2003; 2012), Tzvetan Todorov (2009), among others.

Keywords: Literary Literacy; Racial Literacy; Emerald Dawn; Literature.

LISTA DE ABREVIATURAS

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

LR - Letramento Racial

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UNESP - Universidade Estadual Paulista

FGB - Formação Geral Básica

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Reginaldo Ferreira da Silva/ Ferrez e seu livro <i>Amanhecer Esmeralda</i>	13
Figura 02: Conceição Evaristo e seu livro.....	28
Figura 03: Capa do conto <i>Amanhecer Esmeralda</i> , de Ferréz.....	30
Figura 04: Manhã mais um dia sem ter o que comer.....	31
Figura 05: Marcão e Manhã conversando na sala de aula.....	32
Figura 06: Manhã recebendo o presente de seu professor.....	33
Figura 07: Manhã perante o pai após sua transformação.....	34
Figura 08: Manhã e sua nova família transformada.....	36
Figura 09: Manhã antes e depois.....	37
Figura 10: Exemplo da variação das letras dando destaque para certas palavras.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O ENSINO DE LITERATURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO	16
1.1 A importancia da literatura na escola.....	19
1.2 O letramento literário na perspectiva do letramento racial	22
2. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA	26
2.1 A importancia da literatura na escola	29
2.2 O letramento literário na perspectiva do letramento racial.....	41
3. PROPOSTA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS	45
3.1 Motivação para a leitura	46
3.2 Leitura, Interpretação e Contextualização da obra	46
3.3 Expansão.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

Como resultados dos nossos estudos sobre a mediação da literatura em sala de aula, entendemos que a leitura é um hábito fundamental em nossa sociedade, pois tudo o que somos, fazemos e compartilhamos passa necessariamente por ela. Nas práticas de leitura, deve existir adesão de textos afro-brasileiros, mas isso, por si só, não é suficiente. Segundo Rildo Cosson (2014), é necessário um enfoque maior no que ele chama de letramento, ou seja, enfatiza-se a importância dos conhecimentos adquiridos através da leitura para o desenvolvimento de habilidades críticas:

Letramento significa bem mais do que o saber ler e escrever. Ele responde também pelos conhecimentos que veiculamos pela escrita, pelos modos como usamos a escrita para nos comunicar e nos relacionar com as outras pessoas, pela maneira como a escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo, tudo isso de maneira bem específica. (Cosson. 2014).

Entretanto, segundo a escritora africana Chimamanda Adichie (2019), existe no meio letrado o que ela define como “os perigos de uma história única”, ou seja, a imposição de uma única versão sobre determinados fatos ou grupos sociais. Em vista disso, quando a literatura escolar é trabalhada numa perspectiva conservadora do olhar do colonizador (eurocêntrica) para com os povos colonizados, tal prática acaba ignorando a diversidade de vozes e experiências existentes na sociedade, reforçando visões raciais e reforçando preconceitos (Adichee, 2019).

Com a criação da lei 10.639/03, quando se tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, buscou-se um tipo de formação escolar em que se valoriza a cultura afro-brasileira e se entende a sua contribuição para a formação da nação. Entretanto, a inserção dessa cultura e, mais particularmente, da sua literatura no currículo escolar ainda enfrenta inúmeros desafios:

A efetivação e a implementação de leis no campo educacional dependem em grande medida de um conjunto de condições que lhes permitam a realização plena. Nesse cenário, a escola tem sido considerada historicamente um espaço de repercussão e reprodução do racismo. Como mostra sua história e revelam as dinâmicas sociais produzidas nesse locus, trata-se de uma instituição que dificilmente consegue lidar com identidades forjadas num contexto de diversidade, reconhecendo-as e tratando-as de forma igualitária e digna, e com saberes e patrimônios culturais produzidos pelos grupos étnico-raciais do País. (Gomes, 2024).

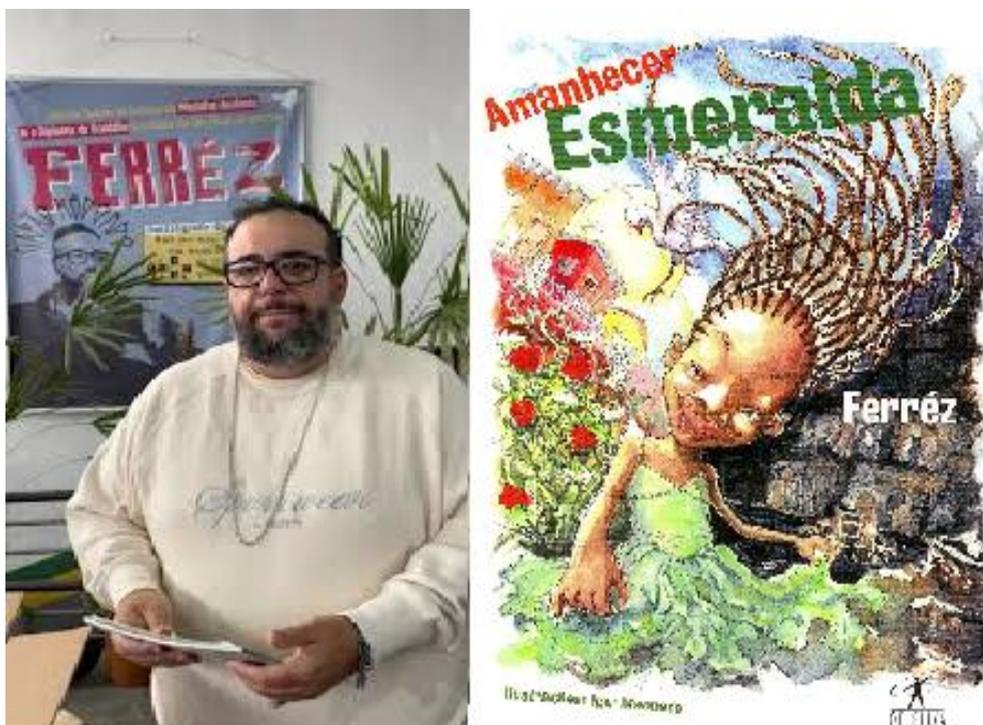
Segundo Nilma Lino Gomes (2024), estudos demonstram que, mesmo com uma legislação cobrando o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, muitas ainda carecem de uma abordagem crítica e contextualizada sobre essa produção, resultando em uma educação

superficial, que acaba não alcançando êxito em promover uma reflexão sobre as questões raciais e sociais referentes à população negra no Brasil.

A literatura, ao ser trabalhada juntamente com o letramento racial, tem o potencial de desempenhar um papel fundamental na formação dos seus leitores, seja ela na construção de conceitos ou na ressignificação destes, formando, assim, um cidadão mais humanizado. Logo, a inclusão e análises de obras afro-brasileiras no espaço escolar, além de atender ao que estabelece a Lei 10.639/03, pode também ser um dos meios de se promover uma maior conscientização e conhecimento da cultura afro-brasileira.

Nesse cenário, que coloca em diálogo o letramento literário e o racial, temos o conto *Amanhecer Esmeralda*, de Reginaldo Ferreira da Silva, que usa o nome artístico de Ferréz, em que se aborda as vivências de uma família negra em uma periferia urbana. Essa história pode ser usada como uma ferramenta pedagógica capaz de explorar a complexidade das relações étnico-raciais e mostrar aos seus leitores a importância da escola como espaço de transformação, visto que esse conto retrata com sensibilidade a dura realidade do povo negro nas periferias urbanas do Brasil, onde os personagens lutam por dignidade e reconhecimento, ao mesmo tempo em que destaca como um bom educador pode ser um instrumento de mudança social.

Figura 1 - Reginaldo Ferreira da Silva/Ferrez e seu livro *Amanhecer Esmeralda*



Disponível em: https://www.instagram.com/ferrezoficial/reel/C_yEvNzPOVO/

A proposta pedagógica que visamos desenvolver neste trabalho se baseia na leitura do conto *Amanhecer Esmeralda*, integrando o letramento literário ao letramento racial a fim de criar uma abordagem que desafie os alunos a pensarem criticamente sobre a desigualdade social e racial no Brasil. Desse modo, a escolha da obra se deu também como uma estratégia para desmistificar preconceitos. A literatura afro-brasileira, ao representar vozes de grupos minorizados, tem a chance de poder ser usada como uma importante ferramenta para se promover uma maior inclusão associada com a valorização da diversidade cultural existente no Brasil.

A problemática que este trabalho se propõe a investigar é: De que modo a literatura afro-brasileira, por meio da obra literária de Ferréz *Amanhecer Esmeralda*, pode ser efetivamente integrada ao currículo escolar? Não apenas como um mero cumprimento da exigência de uma lei, mas sim como uma estratégia pedagógica em que se promova um letramento mais crítico, que consiga unir as dimensões literária e racial? Em outras palavras, de que maneira essa abordagem pedagógica pode ajudar a escola a superar a resistência da inclusão de temáticas raciais no ensino, ao mesmo tempo que fortalece a identidade étnico-racial dos alunos?

Quanto à proposta pedagógica a ser desenvolvida, está fundamentada na hipótese de que a literatura afro-brasileira, especificamente a obra de Ferréz *Amanhecer Esmeralda*, tem o poder de enriquecer o currículo escolar e de desempenhar um papel crucial na formação étnico-racial dos alunos. Ao integrarmos essa obra ao ensino da disciplina de Língua Portuguesa numa turma do sétimo ano do Ensino Fundamental, espera-se desenvolver um letramento mais crítico, que une as dimensões literária e racial, promovendo uma reflexão aprofundada sobre essas questões na escola. Nesse sentido, Daniela Segabinazi (2015, p.141) declara o cuidado que se deve ter com os conteúdos trabalhados em sala:

Dessa forma, os conteúdos trabalhados em sala de aula devem estar associados aos modos de vida dos seus alunos e atrelados às práticas do seu cotidiano, por exemplo, o estudo de obras literárias como parâmetros para a discussão da ética, relacionadas a práticas culturais em determinada comunidade. (Segabinazi, 2015, p.141).

Ao refletirmos juntamente com os alunos sobre a narrativa em questão, temos a chance de incentivar neles a valorização das suas experiências de vida, fazendo com que compreendam a importância de se ter o que Paulo Freire chama de “uma educação libertadora”, termo este que o educador usa em seu livro *Pedagogia do oprimido*, no qual defende que a educação escolar deva ser voltada para uma formação que permita aos educandos lutarem contra as desigualdades sociais. (Freire, 2018, p.32).

Ao se utilizar textos literários que retratem a vida nas periferias urbanas e as experiências da população negra no Brasil, os educadores podem fomentar um espaço de maior diálogo e reflexão, onde os alunos não apenas leem, mas também se identificam com as narrativas apresentadas dentro do espaço escolar. Daniela Segabinazi (2015, p.14) reforça a ideia de que a ação pedagógica, junto à criança, deve voltar a privilegiar o livro como um elemento imprescindível ao crescimento intelectual e à afirmação cultural. Em vista disso, à formação de leitores críticos, deve-se incluir a diversidade de vozes, permitindo aos leitores que desenvolvam uma maior empatia e compreensão em relação a realidades distintas, ou não, das suas.

Quanto aos termos metodológicos deste trabalho, esta pesquisa é qualitativa e possui um caráter intervencionista de aplicação. Essa intervenção se define por meio da mediação, por parte do docente, de textos literários trabalhados em sala de aula, e será realizada através dos procedimentos pedagógicos orientados pela sequência básica, de Rildo Cosson (2014).

Esta pesquisa visa estabelecer um tipo de abordagem que permita uma análise literária do conto *Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz, promovendo uma proposta pedagógica voltada para alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental. Primeiramente, será feita uma análise bibliográfica sobre os conceitos de letramento literário e letramento racial. As obras de autores como Rildo Cosson (2014); Antonio Candido (2004); Daniela Segabinazi (2015); Maria do Rosário Mortati (2014); Nilma Lino Gomes (2003; 2012); e Tzvetan Todorov (2009) servirão de base teórica para se compreender como a literatura pode ser utilizada como um instrumento pedagógico para se abordar questões étnicas e sociais na escola, além de reforçar a importância dela na vida dos alunos.

Logo após a pesquisa bibliográfica, será feita uma análise literária do conto de Ferréz *Amanhecer Esmeralda*, na qual iremos discutir aspectos como os personagens, identificando suas características e percebendo como eles representam as realidades sociais do povo afro-brasileiro que vive nas periferias urbanas. Não obstante, também iremos debater qual é o papel do professor e da escola na narrativa do conto, explorando como eles podem impactar positivamente a vida dos alunos e da comunidade local.

Por fim, com base na análise deste conto, iremos criar uma proposta pedagógica intervencionista que será voltada para uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental. Essa proposta irá conter atividades de leitura e interpretação de textos, com o objetivo de criar exercícios que incentivem os alunos a ler e discutir o conto, bem como incentivar neles uma reflexão mais crítica sobre os temas abordados.

1. O ENSINO DE LITERATURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Segundo Rildo Cosson (2014), em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, a linguagem é o fruto da nossa experiência de vivência no mundo. Desde os primeiros momentos da nossa vida, exercitamos a nossa comunicação das mais diversas formas, tornando-a um elemento essencial para a construção da realidade que nos cerca. Ele argumenta que nosso mundo é delimitado por aquilo que conseguimos expressar por meio da linguagem, pois, é através das palavras que organizamos e damos sentido ao mundo em que vivemos.

Até mesmo numa sociedade digital como a nossa do século XXI, onde as imagens frequentemente assumem diversos significados, a sua plena compreensão ainda depende da mediação da linguagem. Para o reconhecimento do valor de uma determinada imagem, exige-se que se recorra a palavras para se traduzir e interpretar aquilo que está sendo visualizado. Isso evidencia o papel fundamental que a língua tem como mediadora do conhecimento e da percepção do homem para com o mundo.

Na linguagem, temos, em sua composição, diversas palavras, contudo, estas palavras não pertencem a um único indivíduo. Elas são parte de todo um patrimônio coletivo da sociedade e, para adquiri-las, basta estar inserido em um meio humano. Entretanto, na medida em que as sociedades humanas foram se tornando cada vez mais complexas, passamos por mudanças nesse campo da linguagem, onde foi se desenvolvendo toda uma forma de comunicação escrita e armazenamento de dados, que tinha como objetivo a preservação de determinados conhecimentos ao longo do tempo, tendo em vista que, antes disso, os saberes de um determinado grupo era repassado aos seus descendentes por meio da linguagem oral.

Sabendo agora que a linguagem é uma construção social coletiva, podemos dizer que, para a literatura, a escrita seja hoje o principal meio de transmissão, permitindo que se tenha uma exploração profunda das potencialidades da linguagem, tornando-a uma prática única dentro das manifestações humanas. Ao ler ou escrever, mergulhamos na riqueza das palavras, desafiando conceitos estabelecidos, além de descobrir novas formas de expressão humana.

Renata Junqueira, em coautoria com Rildo Cosson, descreve que o ato de ler é algo fundamental em nossa sociedade, porque tudo o que somos, fazemos e compartilhamos passa necessariamente pela escrita (Souza; Cosson, 2025, p. 101). Desse modo, para entendermos como a escrita atravessa a nossa existência das mais variadas maneiras, criamos o termo letramento. Assim, designamos por letramento os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade (Souza; Cosson, 2025, p. 102)

Rildo Cosson (2014) relata que, na leitura, ou mais especificamente na escrita literária, existe a possibilidade de haver um distanciamento das regras rígidas impostas pela sociedade letrada. No ato do leitor de interagir com os textos literários, abre-se um espaço de liberdade no qual cada indivíduo pode se apropriar da linguagem de maneira singular, rompendo com discursos padronizados e construindo ali a sua própria voz. No exercício da literatura, “[...] podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.” (Cosson. 2014, p.17).

A literatura nos permite vivenciar experiências e perspectivas distintas. Ao nos colocarmos no lugar do outro, podemos viver realidades singulares, atravessando tempos e espaços únicos, mas mantendo a nossa própria identidade individual. Esse exercício de alteridade que nos é proporcionado pela literatura amplia a nossa compreensão de mundo e fortalece a nossa capacidade de expressão e interpretação.

Além de Rildo Cosson, outros autores também destacam a importância da literatura, a exemplo do sociólogo e crítico literário Antonio Candido, que, segundo Cida Fernandez, desde 1980 defende a ideia de que a literatura deva ser um direito humano universal, porque é a partir dela (literatura) que se obtém a nossa humanização (Fernandez, 2020, p.1). Nas palavras de Candido, em uma acepção ampla, a literatura que ele defende como um direito básico é a seguinte:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (Candido, 2004, p.16).

A literatura pode ser um meio em que podemos estimular nossa imaginação. Esse estímulo, se trabalhado de maneira adequada, leva-nos ao exercício da alteridade, já que ela nos permite que nos coloquemos no lugar dos seus personagens. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Além disso, ela contribui para o desenvolvimento do nosso repertório linguístico, ampliando a nossa capacidade de comunicação com o mundo. Logo, a literatura não apenas reflete a construção da nossa realidade por meio da linguagem, mas também indica o seu poder transformador, que é oferecido aos seus leitores para a possibilidade de se ressignificarem por meio das palavras.

No campo da literatura, também temos um conceito que chamamos de letramento literário, que se define como um processo que vai muito além da simples decodificação de meras palavras de uma determinada língua; ele se caracteriza como a capacidade do leitor de

interpretar, refletir e interagir criticamente com os textos literários. Rildo Cosson explica que, na leitura de textos, ocorre uma troca de sentidos entre o escritor e o leitor. Além disso, há também uma interação com a sociedade em que ambos estão inseridos, pois os significados resultam do compartilhamento de diferentes visões de mundo ao longo do tempo e do espaço.

Ainda em acordo com Cosson (2014, p.25), ao ler, “estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro.” Ao contrário da alfabetização escolar, que se concentra na aprendizagem dos sistemas de regras gramaticais da escrita da linguagem, o letramento literário foca no desenvolvimento da leitura relacionada com a literatura, permitindo aos alunos leitores que compreendam as múltiplas camadas de um texto, e atribua a essa leitura sentidos próprios. Neste trabalho, defendemos a ideia de que, atrelado aos usos da literatura em sala de aula, há de se cativar nos educandos uma formação que contribua para a efetivação do letramento literário.

Dentro dessa perspectiva, na escola, a leitura literária

[...] tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2014, p.27).

A escola tem um impacto significativo no processo do letramento literário, visto que a forma como a literatura é apresentada aos alunos pode determinar se eles vão desenvolver o gosto pela leitura. Para que o letramento literário ocorra, de fato, é necessário que a escola adote práticas pedagógicas que estimulem a leitura como uma experiência envolvente para os alunos. Estratégias como rodas de leitura em sala de aula com a mediação do professor, incentivando o alunado a fazer a interpretação dos textos, são atitudes fundamentais para a construção de leitores mais críticos e autônomos. Contudo, deve-se ter alguns cuidados quanto aos objetivos a serem alcançados neste processo, por exemplo:

A leitura literária que a escola objetiva processar visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona. No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. (Cosson, 2014, p.24).

Com a finalidade do letramento literário ser efetivo, é essencial que se tenha práticas pedagógicas que promovam o envolvimento ativo dos leitores para com os textos. A mediação da leitura destes textos na escola por meio do professor, quando bem conduzida, estimula a criação de interpretações próprias dos alunos e os incentiva a trocarem experiências entre eles. Assim, a leitura deixa de ser o que Rildo Cosson define como um ato solitário, passando a ser

um processo coletivo, em que diferentes perspectivas dos leitores acabam enriquecendo a compreensão sobre a obra. (Cosson, 2015, p.25).

Diante disso, é fundamental que as instituições de ensino e os educadores valorizem a formação para o letramento literário e o compreendam enquanto um processo e uma necessidade obrigatória na formação escolar dos educandos. Ao se promover a leitura dentro da escola, dando o seu devido espaço para o diálogo, expressão e pensamento crítico dos leitores, cumprimos nosso papel enquanto instituição educadora, que forma cidadãos que não apenas dominam a palavra escrita e suas regras gramaticais, mas também sabem utilizá-las para compreender o mundo em que vivem.

Portanto, o letramento literário deve ser um processo de prática pedagógica contínua para a formação de sujeitos críticos, criativos e engajados para com a leitura. Além disso, a literatura, ao oferecer diversas possibilidades de interpretação e reflexão, pode ser um caminho que leve seus leitores para a emancipação intelectual, dando margem para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

1.1 A importância da literatura na escola

Apesar de uma já ampla discussão acerca da necessidade de uma adequada escolarização da literatura, nem sempre temos, na escola, práticas literárias sendo efetivamente realizadas, de modo a alcançar um letramento voltado para a formação crítica dos alunos. Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX, que já não tem razão de ser no século XXI. (Cosson, 2015, p.18)

Em seus estudos, Rildo Cosson (2014) observou que há na literatura, no ensino fundamental, um sentido tão extenso que ela engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a ficção ou a poesia. Não obstante, no ensino fundamental, ainda predominam as interpretações de textos trazidas pelo livro didático, que usualmente são feitas a partir de textos incompletos, ou atividades extraclasses, que são constituídas, em suma, de resumos de textos, além de fichas de leitura do livro, associado com a falta de interação do aluno para com o texto lido. Já no ensino médio, o ensino de literatura limita-se à história da literatura brasileira, sendo enfadonhamente focado em cronologias literárias, em uma sequência de estilos de época, de autores consagrados e suas biografias, com trechos teóricos sobre gêneros, formas fixas, etc; tudo em uma abordagem para lá de bastante tradicional. Vejamos:

A literatura no ensino médio resume-se a seguir de maneira descuidada. São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos. Raras são as oportunidades de leitura de um texto integral, e quando isso acontece, segue-se o roteiro fundamental, com preferência para o resumo e os debates, sendo que esses são comentários assistemáticos sobre o texto, chegando até a extrapolar para discutir situações tematicamente relacionadas. (Cosson, 2014, p.22).

Cosson discute, ainda, que, seja no ensino fundamental ou no ensino médio, o que temos é a presença das fichas de leitura, que são trabalhadas de uma maneira em que se condena a criatividade dos leitores, podendo ou até mesmo cerceando o prazer da leitura; em suma, são no geral textos voltados para a identificação ou classificação de dados, servindo apenas de simples confirmação de leitura feita em sala de aula (Cosson, 2014, p.22). Ampliando a discussão, ele afirma que:

Em qualquer que seja das situações acima descritas, estamos diante da falência do ensino de literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. (Cosson, 2014, p.23).

Diante desta problemática que aflige o ensino de literatura nas escolas brasileiras, Cosson (2014) defende a ideia de que a leitura dos textos literários deva ser ampliada com informações específicas do campo literário ou até mesmo de fora dele. Quanto aos professores, deve-se buscar uma maneira de ensinar que, rompendo o círculo da reprodução ou da permissividade, permita que a leitura literária seja exercida em sua plenitude, sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo o saber exige. Além disso, é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias a leitura efetiva dos textos, e não apenas meras informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Em outras palavras:

Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreende que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. (Cosson, 2014, p.23).

Para outros estudiosos do campo literário, a exemplo da professora do curso de letras-português da UNESP Maria Mortatti, o ensino da literatura é um momento didático-pedagógico importante dentro do ensino escolar formal, devendo ele ser organizado e ir se integrando ao processo de formação integral, com a finalidade de contribuir para o processo de emancipação humana dos educandos. Assim, na expressão “ensino da literatura”, tem-se na escola um momento específico de ensino e aprendizagem, que se integra ao processo educativo, e que se refere ao lugar e à contribuição que a literatura pode ter para com a educação por meio do ensino

(Mortatti, 2014, p.29). Similar à discussão de Candido sobre a função humanizadora da literatura, a pesquisada registra ainda que:

O sentido que atribuo a “ensino da literatura” está em consonância com o ponto de vista segundo o qual, assim como a educação (escolar), a literatura é um direito humano e desempenha papel fundamental na formação humana. (Mortatti, 2014, p.29).

Para Mortatti (2014), pode-se, então, entender que o ensino da literatura na escola se concretiza por meio da leitura dos textos literários, objetivando a formação de leitores de literatura e, se possível, também escritores de textos literários, o que não significa, porém, que a escola tenha como objetivo essa função de formar escritores.

Em vista disso, Rildo Cosson (2014) enfatiza que, de antemão, devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, é também responsabilidade da escola. Contudo, a questão a ser enfrentada pelos educadores não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como se fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma, que mais nega do que confirma seu poder de humanização nos educandos. Logo, não é possível aceitarmos que as atividades de leitura em sala de aula sejam feitas de uma maneira descuidada, ou tratada apenas como uma mera atividade escolar de leitura.

Para Cosson (2014), ler é a fase mais visível da resistência ao processo de letramento literário na escola, e por trás deste encontram-se pressuposições sobre leitura que, por pertencerem ao senso comum, não são sequer verbalizados. Em vista disso, ele adverte que temos uma questão crucial a ser compreendida sobre o letramento literário; afinal, se lemos com prazer as obras literárias fora da escola, sem que nos sejam dadas instruções especiais, por que a escola precisa se ocupar de tal forma com leitura? Em primeiro Lugar, porque nossa leitura fora da escola está fortemente ligada à maneira como ela nos foi ensinada, ou seja, aos mecanismos de interpretação que usamos, onde grande parte deles são aprendidos na escola.

Segundo Cosson (2014), o bom leitor é aquele que, por meio da leitura, faz conexões com os sentidos do mundo e compreende que essa leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Consequentemente, a análise literária realizada por esses leitores toma a literatura como um processo de comunicação, onde se busca respostas por parte do leitor e o texto o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos. Contudo, quem passou pela escola preenchendo longas fichas de leitura pode ter uma grande dificuldade em apreciar a beleza de uma obra literária mais complexa.

Quanto ao professor, a ele cabe a função de orientar o processo da leitura, pois a sua mediação pode influenciar a relação que os alunos vão ter com o que está sendo lido. Mais do que disseminar informações sobre os textos, o educador deve atuar como um facilitador, incentivando a interpretação e a reflexão, fazendo os alunos leitores construírem sentidos sobre o que estão lendo. A forma como a literatura é apresentada na escola influencia diretamente o interesse dos alunos, exigindo que o ensino literário vá além de uma abordagem tradicional, que, muitas das vezes, limita-se à memorização do conteúdo. Em acordo com Cosson:

O professor de literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do gênio humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. (Cosson, 2014, p.26).

É importante que a leitura seja valorizada na escola como um momento de descoberta e não apenas como uma mera tarefa avaliativa. Estratégias como dramatizações e criação de textos a partir das leituras feitas na sala de aula ou dos temas abordados são algumas das formas eficazes de aproximar os estudantes da literatura. Essas atividades permitem que os leitores expressem suas percepções sobre o texto e interajam com os escritos, desenvolvendo a sua capacidade de análise e interpretação.

Para Rildo Cosson (2014), cabe ao professor criar as condições necessárias para que o encontro do aluno e a literatura resultem em um efetivo letramento literário. Em suma, se quisermos formas leitoras capazes de vivenciar toda a força humanizadora da leitura, não basta apenas ler. A leitura simples é apenas a forma descompromissada de se ler, porque esconde, sob a aparência de simplicidade, todas as implicações contidas no ato de se ler e de ser um homem letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo para com os educandos.

1.2 O letramento literário na perspectiva do letramento racial

É comum ainda ouvir nos dias de hoje que o racismo não existe no Brasil, que foi há muito tempo superado. Contudo, sabemos que o mito da democracia racial brasileira não se sustenta. São vários os exemplos de racismo cometidos de maneira velada no nosso dia a dia: homens e mulheres sendo abordadas pelas forças de segurança por serem consideradas “suspeitos” por conta da sua cor de pele negra; ou casos em lojas, empresas e restaurantes em que as pessoas brancas enxergam as negras apenas como empregados, seguranças, prestadores de serviços, mas nunca como consumidores daqueles espaços elitizados. Diante disso, nos vem

um questionamento: Em um país em que a maioria é “preta ou parda”, por que a prática do racismo ainda é tão presente? Segundo Daiane da Fonseca Pereira, é preciso compreender que o racismo é construído e mantido, politicamente e ideologicamente. Para isso, é essencial conhecer a história dos diferentes povos que estão na origem de nossa sociedade e de nossas identidades (Pereira, 2022, p.1).

De acordo com Pereira (2022, p.21), nos últimos anos surgiu a emergência de uma educação antirracista. Os debates sobre a necessidade de se utilizar de instrumentos para compreender a dinâmica racial é o ponto de partida para se chegar às atitudes antirracistas. É nesse cenário que se deu a formulação do conceito de Letramento Racial, criado em 2003 pela antropóloga estadunidense France Winddance Twine, com o objetivo inicial de desconstruir o racismo nas identidades raciais brancas. Segundo Twine, o caminho para essa desconstrução seria um novo tipo de educação, uma vez que fomos educados a partir de uma visão de mundo colonizada (eurocêntrica), embranquecida, em que o racismo é uma ideologia presente, por isso a necessidade de uma nova abordagem de educação para se construir relações mais humanizadas.

Em contrapartida, as instituições de ensino do Brasil, após implantação da Lei 10.639/03, passaram a desempenhar um papel ainda mais importante: o dever de ensinar a história e as culturas africanas e afro-brasileiras, ou seja, estamos dando o primeiro passo para se fazer o combate ao racismo estrutural presente no nosso cotidiano. Segundo Aparecida de Jesus Ferreira (2014, p. 250), “vale dizer que, para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades de raça branca e negra para se refletir sobre raça e racismo e fazer um trabalho crítico no contexto escolar [...]”. Em vista disso, nas escolas, as práticas pedagógicas que o professor pode utilizar para se trabalhar nessa perspectiva de luta e resistência têm relação direta com o que conhecemos como letramento racial.

Quanto ao conceito de *letramento racial*, podemos defini-lo como sendo um tipo de educação em que se busque dar voz a grupos antes minorizados e se fazer a justiça social, já que este tipo de formação pode ir muito além da habilidade de ler e escrever, envolvendo também a compreensão crítica das questões raciais de uma sociedade, reconhecendo nela as identidades dos indivíduos, grupos étnicos, e a valorização da sua cultura. Em vista disso, em um país com um passado escravagista, racista e altamente miscigenado como o Brasil, que ainda é fortemente marcado por desigualdades raciais, o letramento racial pode ser uma ferramenta essencial no ambiente escolar para a formação de cidadãos mais conscientes, fazendo os alunos serem capazes de lidar com as questões raciais presentes em suas vidas. Seguem, abaixo, algumas considerações nesse sentido:

A perspectiva do letramento racial crítico e da educação antirracista permite o aprendizado e a problematização do discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que não têm respeito à diferença, pois a escola deve, de maneira crítica, abordar textos e produtos das diversas culturas e mídias para que se desvelem suas intenções, finalidades e ideologias. (Souta; Jovino, 2019, p. 149).

Ao incorporar o letramento racial ao currículo escolar, é possível promovermos a valorização das culturas afro-brasileiras, criando, assim, um ambiente educacional mais inclusivo. Esse tipo de postura política e prática pedagógica deve ir, porém, além de uma simples inclusão de temas relacionados ao racismo; deve-se criar as condições necessárias para que haja uma mudança de perspectiva, onde as narrativas e as vozes das populações historicamente marginalizadas sejam reconhecidas e valorizadas pelos leitores. Nesse aspecto, o letramento racial se coloca como uma estratégia que visa transformar a educação em um lugar de combate ao racismo e da construção de uma sociedade mais justa e democrática.

No artigo da socióloga Neide A. de Almeida *Letramento racial: um desafio para todos nós*, ela descreve essa prática de letramento racial como um ato político e construtor de sentidos. Portanto, para se combater o racismo, os sistemas de ensino e de formação devem conter nos seus currículos e práticas perspectivas educacionais antirracistas (Pereira, 2022, p.1). Esse tipo de atuação pedagógica permite que os estudantes tenham as ferramentas necessárias para que percebam as diferentes formas de racismo existentes para com o povo afro-brasileiro no seu dia a dia, possibilitando, assim, uma compreensão mais evidente das consequências deste preconceito estrutural, além de incentivar neles atitudes mais solidárias e respeitadas.

Com a devida implementação de letramento racial nas escolas, faz-se necessário uma abordagem pedagógica que esteja sintonizada com os desafios e as demandas contemporâneas em relação a uma educação antirracista e mais inclusiva. Para que o letramento racial seja realmente eficaz, é indispensável que os professores realizem práticas que não apenas o integrem ao currículo escolar, mas também desenvolvam as relações socioemocionais que os alunos podem ter para com esses conteúdos literários, fazendo-os refletir sobre as suas próprias vivências, promovendo empatia, respeito e compreensão, ou seja, fazendo com que compreendam a importância de se ter o que Paulo Freire chama de “uma educação libertadora” (Freire, 2018, p.32). Nesse sentido, Pereira (2022) diz que:

Admitindo que o racismo é questão atual, os currículos têm de ser discutidos e atualizados de modo que coloquem perspectivas negras em evidência. É preciso incluir autores que representem a perspectiva africana e afro-brasileira nas diferentes áreas de conhecimento. É urgente também ler sobre distribuição de renda, escolaridade, moradia da população negra. Perceber que as identidades raciais são construídas e conhecer a História são ações fundamentais para enfrentar o racismo e preconceito. (Pereira, 2022, p.1).

Assim sendo, é importante mencionar que o letramento racial não se limita apenas ao ensino da história da escravidão atlântica ou a luta contra o racismo estrutural. Embora sejam esses os temas mais citados e relevantes, é importante proporcionar aos educandos um entendimento mais amplo das culturas afro-brasileira e indígenas, valorizando as contribuições que estes povos têm para a formação da sociedade brasileira. Ao integrarmos essas culturas no currículo e no cotidiano escolar, os educadores ajudam a romper com a visão limitada, reducionista e racista que é imposta, promovendo, assim, uma forma de educar em que se valoriza a diversidade e a pluralidade cultural. Ainda em acordo com Pereira, temos que:

Cabe à escola apresentar aos estudantes a diversidade não apenas de textos, de temas, mas também de concepções de mundo, de modos de fazer e dizer. Assim, é fundamental que as escolas se perguntem a respeito da presença e da representatividade de autores e intelectuais negros em suas bibliotecas. Qual o lugar destinado às práticas de oralidade, tão importantes para os povos africanos e para nós, brasileiros? No cotidiano, no trabalho com a literatura, por exemplo, quantos livros de autores e autoras negras são apresentados aos alunos? Quais são as oportunidades proporcionadas para o contato com as personagens negras criadas por esses escritores e escritoras? (Pereira, 2022, p.1).

Uma das principais estratégias para a busca dessa diversidade literária que vai ao encontro do letramento racial é a introdução de obras literárias e artísticas que abordem questões raciais e identitárias. Por exemplo, a literatura afro-brasileira tem um papel central nesse aspecto, pois oferece uma rica perspectiva histórica e cultural, aspectos, muitas das vezes, ausentes nos currículos de escolas mais tradicionais. Autores como Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Conceição Evaristo, Ferréz, entre tantos outros, proporcionam um contato direto com as experiências e desafios diários da população negra no Brasil e suas narrativas contribuem para o aprimoramento de um olhar mais crítico sobre o racismo e suas manifestações.

Portanto, o letramento racial, juntamente com o letramento literário, ao serem implementados no currículo escolar, podem contribuir para uma construção social onde os alunos valorizem a história e a cultura do povo afro-brasileiro e indígena, dando alicerce para a formação educacional mais justa e igualitária. Quando os educandos educam seus alunos sobre a importância de se fazer o combate ao racismo e de se respeitar as diferenças existentes na sociedade, eles (alunos) se tornam agentes de mudança, sendo agora capazes de transformar o espaço em que vivem, bem como a sociedade como um todo. Em um Brasil que é altamente miscigenado e marcado por grandes desigualdades raciais, o trabalho do letramento racial nas escolas é um passo importante para a construção de um futuro mais inclusivo.

2. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA

A implementação da Lei 10.639/03, no ano de 2003, representou um marco histórico no avanço em tornar obrigatório o ensino da história e culturas africanas e afro-brasileiras nas escolas. Contudo, a execução dessa política de educação ainda passa por vários problemas, com a literatura afro-brasileira sendo ainda tratada, por exemplo, como um mero complemento curricular, e não como parte estrutural do ensino. Para que ela seja, de fato, uma prática pedagógica que repercuta no letramento racial na vida dos educandos, é preciso que esteja inserida de maneira sistemática no currículo escolar e que permita que os estudantes conheçam diferentes autoras e autores negros, de diferentes perspectivas estéticas, ampliando, assim, a sua compreensão sobre a diversidade cultural do país.

Em escolas mais tradicionais, por exemplo, tem-se constatado a resistência de alguns educadores em trabalhar a produção em questão, alegando a falta de materiais didáticos adequados, ou a ausência de formação para lecioná-la. Ademais, temos casos em que, pela força do conservadorismo do currículo escolar, a escola simplesmente se nega a trabalhar com esta literatura. Esse descaso demonstra a dificuldade em se reconhecer a literatura afro-brasileira como parte imprescindível do ensino do letramento literário racial, prejudicando, pois, o potencial formativo e reflexivo dos alunos.

Como resposta ao cenário apresentado, em sala de aula é essencial que haja a inclusão das narrativas de autorias, com personagens e padrões estéticos diversos daqueles circunscritos pelo cânone, pois podem ajudar a desconstruir os estereótipos da sociedade racista e incentivar os debates sobre o racismo, a desigualdade social, a resistência de populações como a afro-brasileira e a valorização das suas manifestações culturais. Além disso, essas narrativas oferecem aos discentes a chance de lançar um olhar mais crítico sobre a realidade que os cerca, fazendo-os reconhecer não apenas os tipos de exclusões existentes, mas também combatê-las.

A literatura afro-brasileira em sala de aula tem um profundo impacto nos alunos quanto ao letramento racial, pois, ao se apresentar histórias em que se valorizam as contribuições da população negra para a formação da sociedade brasileira, ela leva os estudantes a reconhecerem uma importante herança cultural e contribui para a formação cidadã. Segundo Segabinazi (2015, p.142), “O campo literário certamente tem muito a oferecer e contribuir para que a juventude que está no ensino médio hoje possa se constituir em cidadão.”

Nessa perspectiva, a escolha das obras literárias a serem trabalhadas na escola desempenham um papel fundamental nesse processo. Muitos livros, ao abordarem a vida do povo afro-brasileiro, dão voz a personagens que enfrentam desafios do preconceito racial,

exclusão e a busca por identidade e reconhecimento. Um exemplo que podemos citar de uma obra em que se valoriza a cultura afro-brasileira é o conto *Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz, no qual se retrata a realidade de uma menina negra de uma periferia, que enfrenta os desafios em espaços marginalizados pelo poder público no Brasil. Histórias como a desse conto permitem que, na escola, alunos se identifiquem com as trajetórias ali narradas e percebam que suas vivências também são dignas de serem representadas. Para os educandos que não pertencem a esse grupo racial, essas leituras são também uma oportunidade de promover reflexão sobre desigualdades sociais/raciais que existem no Brasil.

Entretanto, apesar da relevância de se trabalhar com a literatura afro-brasileira, ainda há muita resistência por parte de escolas e professores. Em muitos dos casos, há uma visão equivocada de que elas devam apenas ser citadas em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, quando, na verdade, elas deveriam estar integradas ao currículo escolar de forma sistemática e contínua. Não obstante, a falta de uma formação docente relacionada com as temáticas raciais faz com que muitos professores se sintam inseguros em trabalhar com esses textos em sala de aula. Esse tipo de conduta só reforça a necessidade de programas de capacitação de professores que auxiliem os educadores a lidarem melhor com essas questões, visando o comprometimento com a construção de uma educação antirracista nas instituições de ensino brasileiras.

É preciso, por parte dos docentes, ler e conhecer autoras e autores representativos da literatura negra. Para além de Ferréz, autoras como Conceição Evaristo, Elisa Lucinda e Cristiane Sobral são exemplos de escritoras que têm obras literárias da cultura afro-brasileira em que se explora a vivência do povo negro no Brasil de uma maneira poética e profunda, sendo estas retratações essenciais para se ampliar o repertório literário dos estudantes em sala de aula. A seguir, temos um exemplo de como Evaristo, por exemplo, expõe o cotidiano da comunidade negra nas periferias:

Favela

Barracos
montam sentinela
na noite.
Balas de sangue
derretem corpos
no ar.

Becos bêbados
sinuosos labirínticos
velam o tempo escasso
de viver.

(Evaristo, 2017, p.47)

Os versos acima são um reflexo das políticas de morte às quais é sujeita a população negra nas periferias do país. Já no título, há a marcação espacial das vivências relatadas no poema, e as imagens construídas mostram a crueza da violência contra os corpos negros, que são a grande maioria nesses espaços. Ao se utilizar da poesia de Conceição Evaristo e se estabelecer um diálogo com *Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz, que é o objeto de análise deste trabalho, podemos dar voz a memórias e lutas silenciadas, que abordam questões relativas à desigualdade social e racial existentes nas periferias urbanas, bem como estratégias de resistência que se contrapõem a elas. Sendo assim, ao vincularmos o letramento literário ao contexto social e racial das escolas brasileiras, busca-se construir uma proposta em que se possa promover uma educação voltada para as diferentes realidades culturais e raciais no Brasil.

Figura 2: Conceição Evaristo e a capa do seu livro de poemas.



Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

Portanto, os educadores, ao trabalharem com autores negros como Ferréz, Evaristo e tantos outros, podem ajudar a desconstruir uma “visão única da literatura” na escola, ou seja, desviando da armadilha do que Chimamanda Ngozi (2019) chama de “os perigos de uma história única”.

É necessário, pois, oferecer uma oportunidade de conhecer diferentes formas de expressão literária, deixando-as registradas nos materiais didáticos e nas metodologias de ensino, visto que, durante muito tempo, a literatura que foi trabalhada nas escolas brasileiras esteve centrada em uma visão eurocêntrica, em que se valorizou majoritariamente escritores brancos, ao passo que ignorava a produção literária de autores negros. Essa atitude

preconceituosa de exclusão velada dentro do meio letrado contribuiu para a ocultação de autores importantes da literatura afro-brasileira, perpetuando, assim, um cânone literário limitado e racista.

Para que a literatura afro-brasileira se integre ao ensino básico, é preciso, como comentamos, que as escolas adotem no currículo obras de autores negros e desenvolvam práticas pedagógicas em que se promova uma abordagem crítica, já que a simples inclusão dos textos não é suficiente. Além disso, caso não se tenha uma mediação por parte dos educadores que incentive os alunos a refletirem sobre essas temáticas em sala de aula, relacionando-as com sua realidade, o esforço para alcançar o letramento racial se torna ineficaz. Algumas estratégias, como as rodas de leitura, debates e a produção de resenhas críticas podem tornar este aprendizado mais dinâmico e significativo. Devemos também ampliar a inclusão da cultura afro-brasileira na escola por meio da interdisciplinaridade, tendo em vista que ela conecta a literatura com outras linguagens artísticas e outras disciplinas.

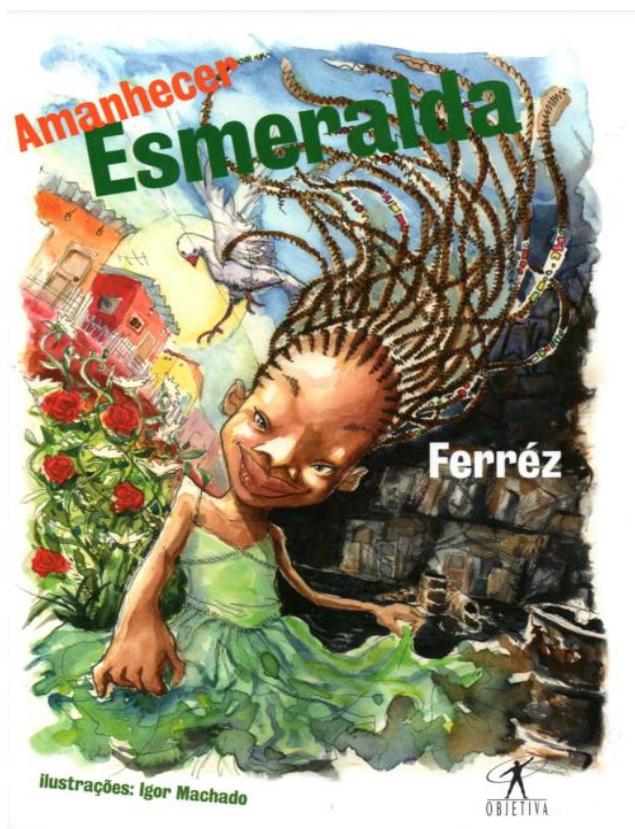
Diante de tudo que já foi discutido ao longo deste capítulo, entendemos que, no momento em que os estudantes têm uma formação escolar que os incentive a refletir sobre a pluralidade da sociedade, isso os ajuda a se tornarem adultos mais críticos. Nesse sentido, a escola tem um papel vital na vida dos educandos, pois o ensino vai muito além do conhecimento das disciplinas da Formação Geral Básica (FGB): a escolar deve também ser um espaço de formação cidadã, onde o respeito e a equidade são princípios fundamentais na formação dos seus alunos.

Em síntese, pois, retomando o que discutimos nessa seção, podemos afirmar que a literatura afro-brasileira deve ser valorizada na sala de aula não apenas como um meio de se atender a lei 10.639/03, mas como uma necessidade para o fortalecimento de uma educação comprometida com a justiça social para com um grupo historicamente segregado no campo educacional. Logo, é preciso que gestores, professores e demais profissionais da educação se comprometam na construção de um currículo mais diversos e representativo.

2.1 A obra de Ferréz e Amanhecer Esmeralda

No livro *Amanhecer Esmeralda*, escrito por Ferréz, a protagonista foi inspirada em uma garotinha chamada Manhã, que o autor conheceu durante uma das suas palestras. Tamanha fora a dignidade da criança que o impressionou profundamente, levando-o a compará-la a uma das grandes divindades africanas, o que se reflete na construção da personagem central do seu conto. (Torres; Oliveira, 2015).

Figura 3. Capa do conto *Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz.



Nós podemos descrevê-la como sendo uma garotinha de pele negra e muito pobre, que vive com seus pais em uma humilde casa existente na periferia de uma grande cidade. Desde o início, a sua realidade é descrita como sendo perpassada por dificuldades extremas, revelando uma condição social que a faz passar por privações constantes; a sua própria infância lhe é negada pela escassez de recursos básicos dentro do seu lar, sendo a fome uma presença quase que constante, acompanhando-a desde os seus primeiros momentos do dia, ao despertar.

Logo abaixo, temos um pequeno trecho do conto onde Ferréz retrata de forma sensível e impactante a dura vivência de Manhã:

Foi até a pequena mesa feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes e não viu nenhum embrulho. Era mais um dia sem pão. Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro, nada (Ferréz, 2005, p.11).

Ao lermos sobre as privações enfrentadas pela personagem, deparamo-nos com a difícil vivência de uma criança negra que luta diariamente pela sobrevivência, e esse tipo de leitura desperta no leitor uma sensação de impotência e angústia, já que nos sensibilizamos com a vulnerabilidade da protagonista, que acorda todos os dias sem saber se terá a primeira refeição

do dia, algo que deveria ser básico para que qualquer um possa sobreviver dignamente. Os detalhes nas descrições destas cenas, como a falta de pão e a ausência de café, revela um pouco da realidade social de uma parcela do povo afro-brasileiro, que, historicamente, foi privado de direitos e cuidados.

Figura 4. *Manhã* mais um dia sem ter o que comer. (Ferréz, 2005, p.11)



Além da fome, todos os dias a menina acordava e se preparava para ir à escola, e diante de um pequeno espelho velho e rachado, ela observava os seus cabelos crespos sempre desalinhados, que estavam assim por conta das dificuldades que ela enfrentava diariamente. Lembrava-se do creme que sua mãe possuía, mas nunca ousava usá-lo, temendo ela ser duramente castigada. Em vez disso, ela molhava as suas pequenas mãos e tentava, em vão, domar o volume dos seus fios. Essa rotina marcada pela escassez de recursos numa casa que era castigada pelo tempo, refletia as marcas de uma vida de privações, onde, muitas das vezes, a pobre garotinha ia para a escola de estômago vazio, e com suas roupas sempre amassadas.

Na escola, *Manhã* era uma menina muito reservada, que pouco interagiu com os seus colegas e costumava permanecer cabisbaixa em um canto da sala. Ela carregava no seu olhar uma profunda tristeza, fruto das inseguranças que ela mesma sentia em relação à sua própria aparência, por não reconhecer a beleza em seus traços afro-brasileiros e por viver em uma condição de extrema pobreza, não tendo acesso a roupas bem cuidadas. Seu professor, *Marcão*, era um educador admirado por seus alunos, visto que ele fazia questão de relacionar o ensino

com a realidade deles. No fim de uma de suas aulas, ele, ao notar novamente a expressão melancólica de *Manhã*, decidiu chamá-la para ter uma conversa. A menina, desconfiada, aproximou-se relutante. O professor, com gentileza, perguntou onde ela morava e quis saber um pouco mais sobre a sua família. *Manhã* contou um pouco sobre o lugar em que vivia com o pai, um homem que bebia muito, mas nunca fazia mal a ninguém. Além disso, relatou sobre a mãe, que passava o dia inteiro fora de casa, trabalhando como doméstica, garantindo o sustento da sua família.

Figura 5. *Marcão* e *Manhã* conversando na sala de aula. (Ferréz, 2005, p.23)



Apesar da menina ter apenas nove anos de idade, a sua rotina já era marcada como a de uma mulher adulta, pois todas as responsabilidades domésticas recaíam sobre ela. E, ao ouvir a sua história, *Marcão* compreendeu a razão da constante tristeza de *Manhã* e do seu olhar sempre distante em sala de aula.

Para ele foi doloroso ouvir aquilo tudo, pois já havia perguntado no início do ano sobre os sonhos de cada um, e sabia que *Manhã* queria ser professora em primeiro lugar, mas era o que *Marcão* se perguntava, como sonhar com uma vida melhor, se ela já está sendo preparada para diarista desde a infância? (Ferréz, 2005, p.23).

O professor impressionado pela história de *Manhã*, ao voltar para a sua casa, passou por uma loja de roupas femininas, decidiu entrar nela e, com um gesto de carinho e empatia, visando alegrar a menina, escolheu um presente simples, mas muito significativo. No dia seguinte, ao término da sua aula, decidiu surpreendê-la, chamando-a com delicadeza, e *Manhã*, sem ainda entender o motivo, aproximou-se devagar. O professor, com um grande sorriso acolhedor, quebrou o silêncio: "Sabe o que é, *Manhã*, eu estava passando em frente a uma loja de roupas ontem, e decidi comprar uma coisa. Queria que você não levasse a mal, porque é bem simples,

mas comprei isso pra você" (Ferréz, 2015, p.25). A menina, desacostumada a receber gestos de afeto e carinho, olhou para o professor com surpresa em seu rosto.

Figura 6. *Manhã* recebendo o presente de seu professor. (Ferréz, 2005, p.26)



Aquele presente dado pelo educador era mais do que um simples gesto de bondade e afeto; era a forma delicada que ele encontrou para mostrar a *Manhã* que ela era uma menina especial, e que ele se importava com ela. O carinho e a consideração do professor a deixaram surpresa, já que ela estava desacostumada a receber tamanha atenção. Ao pegar aquele embrulho com um olhar ainda tímido, pediu para abri-lo e, com a aprovação do professor, desembulhou-o com cuidado e ansiedade, revelando um belo vestido de uma cor que ela sequer conhecia pelo nome. Notando a sua curiosidade, *Marcão*, com um sorriso no rosto, explicou: "Essa cor se chama esmeralda". Os olhos de *Manhã* brilharam, encantados com uma cor tão vibrante naquele tecido. E, em um impulso de gratidão, a menina aproximou-se e depositou um beijo no rosto do professor, que respondeu com um largo sorriso ao ver a felicidade da menina. Naquele instante, *Marcão* apresentou *Manhã* a uma mulher chamada Ermelinda, uma pessoa que teve um papel transformador em sua vida. Nas palavras desta personagem, revela-se uma questão muito importante para cuidar do amor próprio da menina:

Então, toda menina afrodescendente devia fazer isso, usar mais os cortes que têm a ver com a nossa história. Vou te pedir uma coisa, ali do lado tem um chuveiro, você vai lá toma um banho gostoso, que eu vou pôr esse vestidinho e fazer as tranças. (Ferréz, 2005, p.31)

Enquanto dona *Ermelinda* trançava os cabelos de *Manhã*, ela contava as histórias sobre as raízes africanas e a riqueza do povo negro. A menina ouvia tudo com um grande encanto, atenta a cada palavra, como se ela, pela primeira vez, enxergasse em si mesma, mas de uma maneira totalmente diferente. O brilho em seus olhos cresceu ainda mais e, quando ela finalmente se viu no espelho, sentiu-se bela e especial.

Manhã, ao chegar em sua casa, foi recebida com um olhar de espanto por seu pai, que, ao vê-la de uma maneira tão arrumada, não conteve a admiração, e com um sorriso no rosto, elogiou a aparência da sua filha e quis saber o que havia acontecido. *Manhã*, agora radiante, contou que seu professor lhe deu de presente um vestido Esmeralda e que uma senhora bondosa havia lhe feito tranças em seus cabelos. Pela primeira vez, a menina fora notada, valorizada e acolhida.

Figura 7. *Manhã* perante o pai após sua transformação. (Ferréz, 2005, p.35)



O pai, ao ver a sua filha, que estava tão bonita e radiante naquele vestido Esmeralda, percebeu que a sua casa já não condizia com a nova imagem da menina e, movido por um sentimento de renovação, decidiu comprar tintas e pintar o seu “barraco”, trazendo cores e vida

ao ambiente em que viviam. Quando a mãe da garotinha chegou à noite, quase não reconheceu a sua própria casa. Tudo estava diferente: o barraco, antes desgastado, agora estava limpo e pintado com cores vibrantes; e dentro, a mudança era ainda maior. O marido, que era geralmente desleixado consigo mesmo, agora vestia novas roupas, e a casa estava organizada com mesa servida de uma farta refeição. Incrédula com toda aquela transformação, a mãe tentava entender o que havia acontecido, e foi então que viu *Manhã* à sua frente, renovada, com os seus cabelos trançados, esbanjando um brilho no olhar que antes não existia. Emocionada, ela mal conseguiu conter a surpresa: "Meu Deus do céu, o que aconteceu com você, criatura? Você tá linda!" (Ferréz, 2015, p.39).

O gesto do professor *Marcão* foi um ato decisivo na vida de *Manhã*, uma menina que, além das dificuldades financeiras pelas quais sua família passava, também carecia de carinho e atenção. Naquela noite, algo raro e especial aconteceu em sua casa: aquela família se reuniu em um momento de afeto e, pela primeira vez em muito tempo, todos conversaram, compartilharam suas histórias e fortaleceram seus laços familiares. Mas as mudanças não se limitaram apenas ao lar de *Manhã*. Os vizinhos, inspirados pela transformação daquela família, também decidiram seguir o mesmo caminho e, em poucos dias, toda a vila ganhara novas cores, tornando-se um espaço mais alegre e acolhedor para todos.

No dia seguinte, *Manhã* despertou e caminhou até o quarto da sua mãe e, ao abrir a caixa onde guardava as suas roupas, encontrou tudo muito bem passado e dobrado com cuidado, afinal, "em uma casa tão bonita, não poderia haver roupas jogadas" (Ferréz, 2005, p. 44). Além disso, no canto do cômodo, estava um grande espelho que lhe chamou a atenção, e pela primeira vez ela pode se ver por inteiro, vestindo aquele lindo vestido Esmeralda que tanto a encantava. Contudo, o seu reflexo revelou algo novo para ela: os seus cabelos já não precisavam mais ser molhados para serem domados, pois as tranças feitas por dona Ermelinda agora adornavam o seu penteado, destacando os traços do povo afro-brasileiro numa menina que se comparava a uma rainha africana. Pela primeira vez, *Manhã* olhou para si mesma sem vergonha alguma, sem querer esconder a sua boca, ou seu nariz, ou muito menos os seus traços. E, ao sair da sua casa, percebeu que a transformação não havia ocorrido apenas dentro de seu lar, mas em toda a vila em que ela morava. "[...] tudo estava lindo, organizado como ela nunca tinha visto. Ela olhou para as casas, olhou para o céu e viu que tudo era da cor de esmeralda. Até o amanhecer era esmeralda." (Ferréz, p.46).

A obra *Amanhecer Esmeralda* encanta ao nos apresentar a trajetória de uma menina pobre e negra que vive na periferia, cuja vida é retratada de maneira sensível e impactante. No início, as ilustrações da obra são em preto e branco, simbolizando a tristeza, a pobreza e o

abandono que marcam sua rotina, ou seja, uma vida sem cor. No entanto, conforme a história dessa garotinha se transforma, as cores começam a surgir, refletindo a sua renovação e esperança para aquela casa e comunidade local. Um dos momentos mais marcantes ocorre quando dona *Ermelinda*, com toda a sua delicadeza e carinho, faz tranças nos cabelos de *Manhã*, prática esta inspirada nas princesas africanas. Além disso, a entrega de um belo vestido verde-esmeralda por parte de *Marcão* é outro momento que simboliza a descoberta da beleza negra de *Manhã*, despertando nela um sentimento de valorização. Não obstante, outra passagem significativa no uso das cores acontece quando o pai da menina, tocado pela mudança da sua filha, percebe que sua casa já não condizia com a nova imagem da pequena e decide reformá-la, pintando-a. O azul escolhido para a pintura representa essa renovação do ambiente e a sua própria, já que ele deseja proporcionar um ambiente mais digno para a pequena *Manhã*, reafirmando a importância da valorização e do afeto paterno na construção dessa nova realidade.

Figura 8. *Manhã* e sua nova família transformada. (Ferréz, 2005, p.35)



Figura 9. *Manhã* antes e depois. (Ferréz, 2005, p.30)



As ilustrações, com destaque para o trabalho com as cores, refletem a realidade de uma menina chamada *Manhã* e retratam a sua rotina tanto em casa quanto na escola. A obra apresenta uma linguagem muito acessível, clara e objetiva para o público infanto-juvenil, mas também cativa os leitores adultos ao abordar temas como pobreza, desigualdade social, autoestima e a superação. No campo educacional, pode ser indicada para os leitores em processo de alfabetização, tendo em vista que o conto também possui uma riqueza em ilustrações. Além disso, o autor valoriza a identidade negra ao longo da narrativa da sua obra, destacando, por meio da personagem Ermelinda, a grandiosidade da ancestralidade africana e a importância do reconhecimento da beleza e do poder do povo negro, desafiando estereótipos e promovendo a valorização da cultura afro-brasileira.

Enquanto fazia, contava sobre as raízes africanas que todos os negros tinham, contou que certamente *Manhã* era também descendente de uma linda rainha de algum dos reinos trazidos para cá... (Ferréz, 2005, p.33).

Em *Amanhecer Esmeralda*, em termos de recurso, podemos ainda chamar a atenção para algumas palavras que aparecem em destaque, com um tamanho relativamente maior que as demais, com o objetivo de enfatizar alguns aspectos importantes da narrativa. Essas palavras não apenas demonstram a intenção que o autor quer passar ao leitor, mas essa tática estética dos textos também servem para reforçar as emoções e a profundidade dos temas abordados no conto, dando condições para um impacto maior na leitura, enriquecendo a experiência literária.

Além disso, o uso estratégico de certas palavras auxilia na construção de um ritmo que guia o leitor através nos momentos mais significativos da história.

Figura 10. Exemplo da variação das letras dando destaque para certas palavras. (Ferréz, 2005, p.14)



A obra narra a vida de uma criança negra e pobre, mostrando as dificuldades diárias que ainda marcam a experiência da população afro-brasileira. No entanto, a trajetória da garotinha mostra que as verdadeiras riquezas vão além dos bens materiais. A história de *Manhã* pode ser comparada a um clássico conto de fadas como *Cinderela*, pois a menina vive uma rotina de privações, cuidando da casa enquanto sua mãe trabalha fora, e suas roupas amassadas refletem a sua condição de vida. A transformação de *Manhã* ocorre com a ajuda de duas figuras essenciais: o professor *Marcão* e dona *Ermelinda*, que desempenham um papel crucial e semelhante ao de uma fada madrinha, proporcionando-lhe carinho, autoestima e uma nova percepção sobre si mesma. Ao final, *Manhã* recebe um lindo vestido de cor Esmeralda, e as suas tranças destacam sua beleza, tornando-a uma verdadeira princesa africana. As cores no conto desempenham um papel central na obra, tendo em vista que elas marcam as mudanças que ocorrem na vida da menina, simbolizando os momentos de alegria e renovação. Em narrativas infantojuvenis, a utilização das cores é uma escolha fundamental, pois desperta a curiosidade das crianças, enriquecendo a experiência lúdica com a leitura.

Em *Amanhecer Esmeralda*, temos a história de uma garotinha negra e periférica, que está em situação de extrema vulnerabilidade, onde o leitor tem a oportunidade de refletir sobre a valorização da cultura afro-brasileira e os modos como ela é representada na literatura contemporânea. A heroína dessa trama, *Manhã*, não é apenas uma figura simbólica de resistência frente às dificuldades cotidianas nestes espaços negligenciados pelo poder público, mas também uma representante do povo afro-brasileiro, que tenta sobreviver às múltiplas formas de opressão.

Faz-se necessário destacar que esse conto rompe com uma certa tradição literária brasileira que, durante muito tempo, invisibilizou e estereotipou a figura do negro. Nesse sentido, Lima e Lira (2022, p. 136) reforçam que, “ao longo da história, a presença do negro na literatura brasileira foi marcada ou pelo silêncio ou pela afirmação de sua inferioridade”. Ferréz, ao escolher uma menininha negra como a protagonista da sua obra, subverte essa lógica eurocêntrica e racista, oferecendo uma nova possibilidade de representação social, no qual o negro aparece como sujeito pleno com sentimentos, dotado de inteligência, sensibilidade e esperança.

Além disso, existe no conto de Ferréz a valorização de uma ancestralidade juntamente com elementos que compõem a cultural afro-brasileira. A transformação de *Manhã* é repleta de significados que evocam não apenas um renascimento pessoal próprio, mas também uma reconexão com uma história que foi, por muito tempo, negada no campo literário. Como afirmam Lima e Lira (2022, p. 138), “a literatura afro-brasileira se destaca por sua relação com a cultura africana e os saberes tradicionais que atravessam gerações”. Nesse contexto, o conto *Amanhecer Esmeralda* pode ser compreendido como uma narrativa em que se reafirma a memória coletiva, contribuindo para a reconstrução da história do povo negro no Brasil.

Outro ponto relevante que pode ser destacado na obra de Ferréz é o papel da escola e do professor como agente transformador da realidade social dos alunos e da comunidade escolar local, já que a narrativa do conto de Ferréz denota o valor da educação como o caminho para se ter o reconhecimento de direitos civis, e a valorização da subjetividade de crianças e jovens negros. Essa forma de leitura em que se valoriza o povo afro-brasileiro é fundamental, principalmente no contexto da escola pública, onde alunos oriundos das periferias encontram no ambiente escolar um espaço de acolhimento e, quem sabe, uma projeção de futuro.

Nesse sentido, é possível articular a leitura de *Amanhecer Esmeralda* ao conceito de letramento literário proposto por Cosson (2007), que compreende o ensino de literatura como um processo de formação cidadã e crítica. Para este autor, o trabalho com textos literários na escola deve ir além do simples deleite estético.

[...] ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos (Cosson, 2007).

Dessa maneira, a obra de Ferréz se mostra como um importante recurso literário para que os professores possam provocar debates e reflexões que dialogam com a vida real dos estudantes. A escolha por narrativas como essa, em que sujeitos negros aparecem como protagonistas das suas histórias, fortalece a identidade dos alunos negros e permite que eles se reconheçam em personagens que compartilham dos mesmos dilemas diários. Como apontam Lima e Lira (2022, p. 137), “a literatura infanto-juvenil tem o papel de dar condições para que o negro seja aceito e valorizado, tornando-se um cidadão crítico e consciente capaz de intervir em seu meio social e reagir às injustiças”. O professor, nesse contexto, tem uma posição essencial: de ser mediador da leitura e construtor de pontes entre o texto escrito e as vivências dos estudantes.

Ao trabalharmos pedagogicamente em sala de aula com contos como *Amanhecer Esmeralda*, demonstramos uma atitude de ensino em que se valoriza a cultura afro-brasileira, rompendo com uma tradição escolar eurocêntrica, que ainda tenta silenciar as vozes de autores negros por meio da marginalização das suas produções culturais.

A literatura afro-brasileira pode ajudar a se ter uma educação antirracista nas escolas, alinhada com a lei 10.639/03, que tornou obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. Por meio delas, pode-se dar a devida importância às produções africanas brasileiras. Segundo Lima e Lira (2022), a literatura afro-brasileira permite que os estudantes conheçam e valorizem os saberes tradicionais, religiosos, as vivências e a resistência do povo negro.

Obras de autores como Ferréz possibilitam no campo literário novas possibilidades de representatividade do povo negro, ao mesmo tempo em que valoriza as identidades de personagens negros que foram, no Brasil, historicamente apagadas ou distorcidas.

Portanto, ao professor cabe a postura em sala de aula de não apenas selecionar de textos ou obras que incluam essa diversidade, mas também desenvolver estratégias de leitura compartilhada que possibilitem a ampliação de sentidos e do diálogo com o contexto sociocultural dos alunos. A mediação da leitura com auxílio do docente é, portanto, mais do que uma tarefa técnica: trata-se de uma necessidade pedagógica do letramento racial, que contribui positivamente para a formação de sujeitos críticos e mais conscientes de seu lugar no mundo. Essa conduta dos professores está de acordo com as ideias defendidas por Paulo Freire (1996), em que ele argumenta que se tenha uma educação libertadora.

A atuação do professor como mediador da leitura de obras afro-brasileiras pode transformar a experiência literária dos alunos em uma prática pedagógica de empoderamento e reconhecimento da diversidade. Essa visão amplia o papel da leitura literária escolar, conectando-a às vivências dos estudantes à sua realidade social e histórica.

Em se tratando da obra de Ferréz, por meio dela, o professor tem o poder de estimular discussões em sala de aula sobre a desigualdade social, o racismo, as identidades e resistência do povo negro, aproximando os conteúdos escolares das realidades vivenciadas por muitos alunos, especialmente aqueles que vivem nas periferias urbanas. A personagem *Manhã*, ao mostrar o seu brilho no meio de tanta desigualdade e opressão, não apenas demonstra a possibilidade de superação das adversidades, mas também mostra o impacto da literatura quando é colocada a serviço de uma educação em que se valoriza o povo afro-brasileiro.

Além disso, como já mencionado neste trabalho anteriormente, a linguagem utilizada por Ferréz, que é recheada de elementos da oralidade, legitimando outras formas de expressão e saber, que desafiam as normas da literatura tradicional. Essa postura do autor está de acordo com a proposta de uma educação mais plural, crítica e democrática, capaz de construir novas formas de pertencimento e reconhecimento por parte dos educandos.

Portanto, ao incluirmos obras como *Amanhecer Esmeralda* em sala de aula, o professor não apenas cumpre uma exigência legal, mas também participa da construção de um ambiente educacional mais justo, representativo e acolhedor para com uma parcela do povo brasileiro que era até então silenciada e marginalizada no meio literário. A literatura afro-brasileira, ao lado da atuação de docente comprometido, possibilita o combate aos estereótipos e a formação de leitores mais conscientes, sensíveis e críticos.

2.2 A literatura afro-brasileira e a obra de Ferréz

Como vimos, no conto em estudo, temos a chance de conhecer uma produção literária que se insere dentro da literatura afro-brasileira, que, recorrentemente, traz à tona questões sociais e raciais fundamentais para a compreensão da realidade de muitos jovens afro-brasileiros periféricos. Nessa perspectiva, a narrativa pode ser inserida, pois, em um debate mais amplo sobre a produção de autoria negra e sua importância na construção de novas narrativas dentro do ambiente escolar. Ao trazermos uma personagem negra como protagonista central e abordar as dificuldades enfrentadas por ela e outras crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, Ferréz contribui para a ampliação do repertório literário disponível para os alunos nas

escolas, permitindo, assim, que os alunos negros se vejam representados e que eles compreendam diferentes contextos de realidades diversas.

Durante muito tempo, a figura do negro enquanto personagem na literatura brasileira foi praticamente inexistente, sendo ela colocada em um lugar de marginalidade no meio letrado, refletindo e forjando a dinâmica de uma sociedade racista, em contrapartida com a imagem burguesa que predominava como padrão social a ser seguido para uma nação moralista aos moldes europeus. Contudo, foi a partir da metade do século XIX que os escritores brasileiros começaram a trazer o papel do negro no contexto social; porém, a presença dele ainda vinha sendo associada a um tratamento marginalizador, com a prevalência de uma visão muito estereotipada, que permaneceu dominante na literatura brasileira, refletindo posturas racistas e conservadoras. Foi entre os anos de 1980 que começamos a nos deparar com mais textos compromissados com a valorização da etnia afro-brasileira, onde se passou a apresentar uma nova imagem, positivada, do negro. Entretanto, a realidade de inferiorização não pode ser deixada de lado quanto ao contexto histórico da nossa sociedade:

Na realidade, tanto na literatura como na mídia o negro dificilmente detém o papel de protagonista e esse aspecto deve ser visto como algo preocupante, principalmente nos livros de literatura infanto-juvenil, pois ao longo da história, a presença do negro na literatura brasileira foi marcada ou pelo silêncio ou pela afirmação de sua inferioridade. Muitas vezes, a representação do personagem negro ao invés de proporcionar a afirmação de seus valores culturais, acaba por reforçar a discriminação e o preconceito. (Lima; Lira, 2022, p.136).

No meio literário, a ausência de protagonistas negros em papéis de destaque, por exemplo, contribuiu para a manutenção de uma visão eurocêntrica, onde a branquitude dos personagens era associada ao belo e ao bom, enquanto os negros eram marginalizados e associados com o mau. Entretanto, a literatura afro-brasileira pode ser uma prática essencial para se quebrar este paradigma, já que ela permite aos seus leitores enxergarem nos personagens negros as experiências e subjetividades deles, valorizando, assim, a riqueza cultural deste povo, rompendo com representações estereotipadas e fomentando um tipo de educação antirracista, que é, antes de mais nada, um ato político essencial para a formação de cidadãos críticos.

Dessa forma, com a presença dos personagens negros na literatura infantil buscou-se romper com as representações que inferiorizavam o negro, por isso destaca-se o significativo papel desempenhado pela literatura infanto-juvenil: dar condições para que o negro seja aceito e valorizado, tornando-se um cidadão crítico e consciente capaz de intervir em seu meio social e reagir às injustiças. (Lima; Lira, 2022, p.137).

A importância do professor trabalhar em sala de aula com obras literárias como as de Ferréz permite que os estudantes que vivem realidades semelhantes se identifiquem e percebam

o valor das suas próprias histórias. Além disso, a leitura deste conto fomenta um espaço para os debates sobre questões raciais e desigualdade social.

Portanto, *Amanhecer Esmeralda* é tida como uma importante obra da literatura afro-brasileira, não apenas por sua qualidade literária, mas também pelo seu potencial transformador na vida dos seus leitores, já que ela nos convida a refletir sobre as desigualdades e os preconceitos que, muitas vezes, são naturalizados no nosso cotidiano.

Nesse sentido, a lei 10.639/03 também pode ser entendida como uma resposta frente à necessidade de se ter produções literárias de autores negros no ensino básico brasileiro. Logo, ao se trabalhar com *Amanhecer Esmeralda*, a escola tem a chance de não apenas cumprir as exigências legais, mas também contribuir para a desconstrução de estereótipos. Sobre a lei, temos que:

A Lei 10.639/03 pode ser considerada como um avanço no combate ao racismo e às desigualdades raciais, pois se trata de uma política pública que visa, por meio da ação escolar, valorizar a diversidade cultural do país, com o intuito de proporcionar a afirmação da identidade negra, apontando avanços na efetivação dos direitos sociais e educacionais, na superação de práticas racistas, no contexto escolar e na sociedade, além da efetivação de uma educação que valorize e respeite a diversidade como fator essencial da formação para a cidadania. (Lima; Lira, 2022, p.138).

Já a literatura afro-brasileira se destaca por sua relação com a cultura africana e os saberes tradicionais que atravessam gerações. Muitas narrativas trazem em sua composição os elementos das religiões de matriz africana, além dos costumes que foram herdados da diáspora negra, e a resignificação destes na identidade negra no Brasil. Assim, a obra de Ferréz, ao apresentar uma protagonista negra em um contexto de resistência, se conecta com uma tradição em que se afirmar a potência da vivência da comunidade afro-brasileira e a sua tenacidade.

Outro aspecto da literatura afro-brasileira é a forma como ela questiona as normas impostas pelo mercado editorial e pelas instituições literárias tradicionais. No mercado editorial, os escritores negros, muitas das vezes, encontraram barreiras para publicar as suas obras, o que resultou em produções que costumavam circular de maneira independente, especialmente na Literatura Marginal. Esta entendida por Ferréz como:

[...] uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. A literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo (Ferréz, 2005, p. 12).

O próprio Ferréz é um exemplo desse movimento, pois a sua vida enquanto escritor está ligada à disseminação de uma literatura periférica, fora dos padrões e dos espaços convencionais das grandes editoras. Esse caráter autônomo do autor permite uma maior liberdade nas suas

escolhas, a exemplo dos temas, das linguagens e dos formatos narrativos, criando produções que podem ter um diálogo mais próximo com leitores negros, que, raramente, viam-se representados na literatura.

Um ponto importante de ser notado dentro da literatura afro-brasileira é o papel das mulheres negras, porque, embora este tipo de literatura ainda seja dominado por figuras masculinas, escritoras como Conceição Evaristo (2007) diversificam esse cenário literário, ao trazer à tona questões sobre o machismo e o racismo estrutural, além da dupla opressão das mulheres negras. No caso de Ferréz, por mais que ele seja um autor, a sua sensibilidade em escrever uma história sobre uma menina negra demonstra uma habilidade para se discutir questões sobre a opressão relativa às mulheres.

Por fim, a literatura afro-brasileira presente em *Amanhecer Esmeralda* também pode ser inserida em um contexto de resistência linguística, já que a história rompe com padrões normativos da escrita, ao incorporar elementos do dialeto periférico e das gírias urbanas. Essas características aproximam a narrativa do cotidiano dos leitores, tornando a experiência literária ainda mais acessível, e podemos percebê-la em exemplos como o das palavras usadas pelo pai de *Manhã*: “Istude, mia fia, pra num ficá que nem seu pai”. A simplicidade da linguagem e a profundidade emocional da história tem o potencial de alcançar diferentes públicos, evidenciando que a literatura tem um papel fundamental na transformação social.

Dessa forma, a literatura afro-brasileira cumpre o seu papel transformador, promovendo diálogos necessários sobre identidade negra, o pertencimento e a justiça social, e a história de *Amanhecer Esmeralda* não se limita a ser apenas um mero conto, mas um convite para se repensar as narrativas que contamos e valorizamos em nossa sociedade.

3. PROPOSTA DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Para Valeska Nogueira e André Augusto, a efetiva implementação do letramento literário em sala de aula depende de um planejamento bem estruturado por parte do professor, no qual ele seja capaz de estimular o desenvolvimento da leitura crítica e a construção de sentidos por parte dos estudantes. Em vista disso, eles recorrem à ideia de Rildo Cosson (2014) sobre uma proposta dos usos das sequências didáticas como um método para aproximar os alunos do universo literário (Lima; Lira, 2022, p.140).

De acordo com Cosson (2014), quanto às possibilidades do trabalho com o letramento literário, temos duas formas possíveis de sequências didáticas de serem adotadas no ambiente escolar: a “*básica*” e a “*expandida*”. A sequência “*básica*” é formada por quatro fases: a motivação, introdução, leitura e a interpretação; enquanto a segunda forma, “*expandida*”, amplia as etapas da primeira, incentivando o leitor a ter um aprofundamento na experiência literária. Segundo Cosson (2014), a sequência “*expandida*” ajuda na formação de um leitor mais autônomo, que vá além da decodificação de meras palavras; espera-se que ele desenvolva uma relação mais íntima com os textos, sendo capaz de interagir criticamente com a obra. Para além de Cosson (2014), temos também Denise Lino de Araújo (2013) dialogando com a sequência didática, ao relatar a necessidade de um conjunto de atividades organizadas pelo professor com base em eixos temáticos e procedimentos pedagógicos.

No entanto, a sequência didática deve ser compreendida para além de um simples modelo de organização de aulas, devendo ser um tipo de abordagem metodológica fundamentada nos princípios teóricos sobre ensino e aprendizagem, em que se permite o professor atuar como um mediador na formação de leitores.

Com base nos princípios destes autores, a presente proposta de sequência didática expandida deste trabalho foi elaborada para uma turma do sétimo ano do ensino fundamental, a fim de estimular reflexões sobre identidade, pertencimento e valorização da cultura afro-brasileira. A escolha da obra *Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz, como ponto central dessa proposta, está relacionada à necessidade de se promover maiores debates sobre questões sociais e raciais dentro do ambiente escolar, conforme já havíamos dito. A narrativa de uma menina pobre e negra que vive na periferia em uma situação de extrema vulnerabilidade social abre o leque para maiores discussões sobre desigualdade social. Logo, por meio da adoção de uma sequência didática, busca-se apresentar uma proposta que incentive o pensamento crítico dos alunos, incentivando um tipo de prática pedagógica que contribua para uma educação mais inclusiva e reflexiva.

3.1 Motivação para a leitura

Para iniciar a abordagem da obra *Amanhecer Esmeralda*, vamos propor uma atividade interativa chamada "sacola literária"; o objetivo é despertar a curiosidade dos alunos e possibilitar uma aproximação com a temática do livro. A ideia consiste no professor preparar uma sacola contendo alguns objetos simbólicos relacionados com o conto, como fitas coloridas, um pedaço de tecido ou vestido da cor de Esmeralda e alguns papéis com uma frase da obra. Depois, com os alunos dispersos em círculo, retiram os objetos, um por um, e compartilham as suas impressões sobre o que eles podem representar. Partindo dessas pistas, a turma é levada a levantar algumas hipóteses sobre a história. Logo em seguida, o professor apresenta para a turma a capa do livro, conduzindo um diálogo sobre os elementos visuais e instigando nos alunos as reflexões sobre a obra. Esse método não apenas introduz os alunos ao universo da narrativa de maneira mais envolvente, como também fortalece neles a participação ativa no processo de leitura.

Logo em seguida, faremos uma breve introdução sobre o autor, Ferréz, focando nas informações mais relevantes para a compreensão do texto. Isso pode ser complementado com uma breve pesquisa sobre o autor feita pelos alunos, podendo ser realizada tanto na escola quanto em casa. Cosson (2014) sugere que, nesse momento, a apresentação do autor deve ser conectada diretamente com o conteúdo do livro, facilitando o entendimento inicial dos alunos sobre o contexto da obra.

A escolha do conto *Amanhecer Esmeralda* destaca a literatura como mecanismo de combate ao racismo e à discriminação.

3.2 Leitura, Interpretação e Contextualização da obra

Após a introdução, inicia-se a leitura das primeiras páginas de *Amanhecer Esmeralda*, sendo objetivo o de apresentar a personagem principal e o cenário onde a história se desenrola. A obra inicia com a exploração da situação financeira da protagonista, uma menina negra que vive em um contexto de muita pobreza. Para complementar essa leitura, propõe-se a leitura do poema "favela", de Conceição Evaristo (2017), especialmente a primeira estrofe, que diz: "*Barracos montam sentinela na noite*". Essa passagem pode ser associada à realidade da personagem, assim como a de outras tantas crianças brasileiras, oferecendo um espaço para se debater sobre a pobreza e a relação com a identidade negra.

Em seguida, continuaremos a leitura, percebendo agora a caracterização da personagem Manhã, em que ela sonha em ser professora, mas se vê impedida diante das dificuldades. Neste momento, a turma será convidada a refletir sobre o trabalho da mãe da personagem, que exerce uma profissão de empregada doméstica. Esse ponto possibilita uma discussão sobre a forma como a sociedade associa as pessoas negras a certas profissões, que reforçam estereótipos e limitações sociais.

Em um momento posterior da leitura em sala, teremos o momento em que a protagonista recebe um vestido de presente de seu professor, e tem as suas tranças feitas, o que a faz se sentir bonita e valorizada. A relação com o cabelo negro, muitas vezes visto de forma depreciativa pela sociedade, torna-se um tema importante de discussão em sala de aula sobre as heranças culturais do afro-brasileiro. Para aprofundar essa questão, propõe-se a apresentação de um vídeo curto¹, em que será exibida a prática de modelagem de tranças nos cabelos dos povos negros, explicando as origens e os significados das tranças em diferentes culturas africanas, mostrando como esse elemento estético está ligado à identidade, à ancestralidade e à resistência negra.

Após a leitura completa da obra *Amanhecer Esmeralda*, retornaremos aos pontos principais da história para se promover uma interpretação coletiva, onde os alunos vão expor as suas reflexões sobre o enredo e os significados do texto. Nesse momento, como sugere Cosson (2014), a interpretação é construída a partir dos pontos de vista feito pelos alunos, resultando em um diálogo entre o autor, o leitor e a comunidade escolar. O objetivo nesta etapa é permitir que os estudantes desenvolvam uma compreensão coletiva da obra, conectando suas próprias experiências com os temas abordados no livro.

Além disso, o professor, juntamente com os alunos, fará um breve resumo do conto da Cinderela, que é uma história amplamente conhecida e tradicionalmente associada com um padrão eurocêntrico de beleza e sucesso. Em seguida, faremos uma roda de conversa em que os alunos devem comparar as duas histórias, buscando identificar as semelhanças e diferenças na construção das personagens principais. A principal questão a ser debatida aqui é sobre a diferença na representação da protagonista: enquanto em *Amanhecer Esmeralda* temos uma personagem que enfrenta os desafios relacionados à sua condição social e racial, no conto da *Cinderela*, temos a ascensão da protagonista está atrelada à transformação estética, que é aceita dentro de um padrão branco.

Para fins de contextualização, o professor deve dividir os alunos em grupos, onde iremos realizar na escola uma pesquisa sobre a cultura africana, com objetivo de ampliarmos o

¹ Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=in3CSxvUk4Q>
Acesso em: 13 de abril de 2025.

repertório cultural dos estudantes. Posteriormente, cada grupo deverá produzir um cartaz contendo informações da pesquisa e apresentar para a turma a sua produção, com o professor orientando um debate sobre a presença da cultura negra na cultura nacional.

3.3 Expansão

A segunda fase, a *expansão*, pode e deve ser desenvolvida ao longo de todo o processo de leitura com os alunos, sempre que houver oportunidade de integrar outras obras que dialoguem com os temas trabalhados em *Amanhecer Esmeralda*. Essa interdisciplinaridade não apenas reforça a valorização da leitura, mas também permite que os alunos internalizem os conceitos discutidos nas leituras e nas atividades anteriores.

A exposição dos trabalhos de pesquisa executados pelos educandos em cartazes espalhados pela escola e as rodas de debates em sala de aula com a devida supervisão do professor, além de ser uma forma de celebrar o conhecimento adquirido, também representa um passo na mudança de atitudes em relação à valorização e ao respeito da identidade negra. Os cartazes serão um material que divulga para a comunidade escolar um pouco do aprendizado que os alunos tiveram ao conhecer a cultura afro-brasileira, incorporando esses conhecimentos e valores ao cotidiano escolar. O objetivo final é dar aos estudantes uma maior compreensão sobre a literatura afro-brasileira e incentivar uma formação cidadã mais consciente, que respeite e valorize as diferentes culturas que formam na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou debater acerca da importância do ensino da literatura afro-brasileira dentro do espaço escolar a partir da análise da obra *Amanhecer Esmeralda*, de Ferréz, em que foi proposto, ao final, uma atividade pedagógica para se trabalhar este conto com uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental. Através da análise dessa obra, foi possível compreender como a literatura pode ser um meio para se obter o letramento literário, promovendo nas escolas uma educação antirracista, que seja comprometida com a valorização do povo afro-brasileiro.

Ao propormos neste trabalho a leitura de *Amanhecer Esmeralda* no contexto escolar, dada as características deste conto, buscamos não apenas cumprir com as exigências da lei 10.639/03, mas também oferecer aos alunos um contato com narrativas que possam representar para eles as suas vivências diárias. Nesse sentido, uma história que apresente uma protagonista de pele negra, que é moradora da periferia e que tem uma trajetória marcada pela exclusão social, dá a chance para que os estudantes se vejam como sujeitos históricos.

Segundo Rildo Cosson (2014), a literatura deve ser trabalhada na escola não apenas pelo seu aspecto estético, mas também como um meio letrado que seja formador de leitores mais críticos e sensíveis às questões sociais. O conto de Ferréz permite aos seus leitores produzirem reflexões acerca da desigualdade, identidade e resistência dos negros no Brasil. Além disso, a mediação da leitura por parte do professor em sala de aula é indispensável para que o texto literário não seja lido de forma qualquer. Como aponta Aparecida de Jesus Ferreira (2014), o educador tem um papel central na criação de práticas pedagógicas que combatam o racismo e incentivem a valorização das culturas afro-brasileiras.

Outro ponto importante em destaque neste trabalho foi a necessidade de se compreender o letramento literário associado ao letramento racial. A experiência da leitura, quando é associada à formação crítica dos estudantes, pode desconstruir estereótipos e reconhecer as múltiplas vozes de autores da cultura afro-brasileira, além de afirmar a identidade dos alunos negros no espaço escolar. Essa articulação entre literatura e cidadania está de acordo com o pensamento freiriano da educação, em que se valoriza o diálogo, a escuta e o respeito às diferentes realidades vividas pelos estudantes.

O trabalho com o conto de Ferréz em sala de aula revela também a importância de se romper com o currículo tradicional e dar mais espaço para autores e autoras negras oriundos das periferias, ou seja, dos espaços que foram historicamente silenciados. Essas

práticas, além de ampliarem o repertório literário e cultural dos alunos, desafiam as práticas excludentes que ainda predominam nos currículos escolares. Logo, é preciso se repensar o lugar da literatura na escola e o tipo de conhecimento que estamos legitimando no processo de formação de nossos alunos.

Portanto, este trabalho visou contribuir para a educação, criando uma proposta pedagógica que objetiva uma prática docente mais inclusiva, crítica e transformadora na escola. O ensino da literatura afro-brasileira, quando realizado de maneira adequada e sensível, pode transformar o olhar dos estudantes sobre si mesmos e o mundo, promovendo mais empatia e justiça social.

A escola, como sendo um espaço privilegiado de formação dos alunos, deve assumir o seu compromisso de diálogo para com as vozes que foram historicamente silenciadas, e a literatura é uma das ferramentas poderosas para essa escuta.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial: um desafio para todos nós**. *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, 28 out. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-de-almeida/>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? **Entre palavras**. Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan 2013.
- CANDIDO, Antonio. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra, PT: Angelus Novus, 2004.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FERNANDEZ, Cida. **Literatura como direito humano**. 14 abr. 2020. Disponível em: <https://emilia.org.br/literatura-como-direito-humano/>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- FERREIRA, A. de J. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 236–263, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- FERRÉZ, **Amanhecer Esmeralda**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2005.
- FERRÉZ. **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, vol. 29, núm. 1, ene.-jun., 2003, pp. 167-182. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/298/29829112.pdf>. Acesso em: 14/10/2024.
- GOMES, Nilma Lino. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: UNESCO/MEC, 2012. (Coleção educação para todos, v. 36). ISBN 978-85-7994-066-8. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260516>. Acesso em: 9 out. 2024.
- LIMA, Valeska Nogueira de; LIRA, André Augusto Diniz. Proposta de uma sequência didática expandida em *Amanhecer Esmeralda: Relações étnico-raciais em foco*. In: GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman de (org.). **Educação Contemporânea - Volume 38**. Belo Horizonte–MG: Poisson, 2022. p. 120. Disponível

em: <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-178-8>. Acesso em: 04 mar. 2025.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 52, p. 23-43, abr./jun. 2014. Editora UFPR.

PEREIRA, Daiane da Fonseca. **Letramento racial no contexto brasileiro de pesquisa**. In: XII COPENE – Discurso, Raça e a Luta na Linguagem pela Democracia, 2022. Disponível em: <https://www.copene2022.abpn.org.br/anais/trabalhos/anais01?simposio=221>. Acesso em: 14 fev. 2025.

SEGABINAZI, Daniela Maria. **Educação literária e docência: desafios para o século XXI**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SILVA, Deyse Souza. **Um olhar sobre a personagem negra em *Amanhecer Esmeralda de Ferréz***. Monografia (Especialização em Educação Infantil e Relações Étnico-Raciais) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira, 2015.

SOUTA, Marivete; JOVINO, Ione da Silva. Letramento racial e educação antirracista nas aulas de língua portuguesa. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 41, n. 2, p. 147-166, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SOUZA, R. J.; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. São Paulo: UNESP/UNIVESP. Disponível em: . Acesso em: 11/02/2025.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. Faculdade de Ciências e Tecnologia – Departamento de Educação – UNESP/Presidente Prudente; Cefor da Câmara dos Deputados/Brasília, 15 Agost. de 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 08 out. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TORRES, Joelma Dos Santos; OLIVEIRA, Danielle Menezes de. **A valorização da cultura afro-brasileira na obra *Amanhecer Esmeralda***. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 2., 2015, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Realize Editora, 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA9_ID2938_28082015110807.pdf. Acesso em: 6 mar. 2025.